

29 AGO 2001

GAZETA MERCANTIL

Loquacidade fora da realidade



Newton Rodrigues

Na sua já demorada falta de popularidade, FHC tem falado a valer e, como quem muito fala muito erra, não vai se saindo bem. Há dias, num péssimo pastiche do grito do Ipiranga, bradou “exportar ou morrer”, formulação falsa a que ninguém deu a maior importância, até porque não baseada em medidas eficazes para melhora de nossa balança comercial. O mote nada mais foi do que repetição do lema divulgado na ditadura militar — “exportar é a solução” — usado pelos ministros Delfim e Rischbieter. Como de hábito, as falas de agora são de grandes promessas para os 16 meses que lhe faltam para deixar o governo, segundo as últimas promessas de estabelecer “um novo tipo de independência”. Como promessas não pagam dívidas, preciso ver e cobrar.

Em outro lance promocional, FHC, que tem tido repúdio sob diversas facetas, proclamou apoio a um sistema de cotas para facilitar o ingresso de negros nas universidades brasileiras, já incluído na proposta oficial a ser

relata, que se realizará na África do Sul de 31 de agosto a 7 de setembro. O tema é, sem dúvida, importante e exige exame e solução, ao mesmo tempo fora do preconceito e da demagogia.

O lastimável e pesado déficit educacional de negros, índios e mestiços decorre, sem dúvida, de um deslocamento social histórico que precisa ser corrigido, com medidas concretas. Basta correr os olhos pelas estatísticas para constatar isso. A questão não poderá, entretanto, ser solucionada pelo falso sistema de cotas que, na realidade, resultaria, na melhor das hipóteses, em um deslocamento do problema sem solucioná-lo. O acesso proveitoso ao ensino superior, por exemplo, deve exigir certa base de conhecimento, e dispensá-lo seria ainda mais desastroso do que o ocorrente agora, dada a precariedade dos cursos de segundo e terceiro graus, que o sistema racial de cotas

apresentada à III Conferência Internacional contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Cor-

relata, que se realizará na África do Sul de 31 de agosto a 7 de setembro. O tema é, sem dúvida, importante e exige exame e solução, ao mesmo tempo fora do preconceito e da demagogia.

relata, que se realizará na África do Sul de 31 de agosto a 7 de setembro. O tema é, sem dúvida, importante e exige exame e solução, ao mesmo tempo fora do preconceito e da demagogia.

relata, que se realizará na África do Sul de 31 de agosto a 7 de setembro. O tema é, sem dúvida, importante e exige exame e solução, ao mesmo tempo fora do preconceito e da demagogia.

Como de hábito, as falas de FHC são de promessas para os 16 meses de governo que lhe faltam

relata, que se realizará na África do Sul de 31 de agosto a 7 de setembro. O tema é, sem dúvida, importante e exige exame e solução, ao mesmo tempo fora do preconceito e da demagogia.

relata, que se realizará na África do Sul de 31 de agosto a 7 de setembro. O tema é, sem dúvida, importante e exige exame e solução, ao mesmo tempo fora do preconceito e da demagogia.

cos têm direito a idêntica assistência social, segundo as necessidades. Por motivos óbvios, negros e mulatos serão a maior porção de beneficiados.

Quanto à questão específica de acesso aos diferentes graus de ensino, um dos recursos poderá ser a criação de bolsas e de cursos intensivos e de recuperação que abranja os necessitados, independentemente da cor da pele e de outras características genéticas. O sistema de reservas de cotas, além de discriminatório, abriria caminho ao acesso de pessoas despreparadas a postos e cargos que exigem maior base cultural. Ensino oficial amplo e gratuito, bolsas e cursos especiais nos graus primário e secundário permanecem o meio mais eficaz de atuação, dispensando a reinvenção da roda.

Há, sem dúvida, no Brasil certo racismo mais latente que ativo, porém manifesto em várias ocasiões. Entretanto, os antigos ditos populares dessa categoria saíram de circulação, sendo a linha geral de mestiçagem dominante, e o mestiço compõe, nos diferentes graus de miscigenação, variável com as regiões,

categoria em ritmo ininterrupto de crescimento e afirmação social. Já na Colônia afirmava o jesuíta Antonil que o Brasil era “o inferno dos negros, purgatório dos brancos e paraíso dos mulatos e mulatas”. Corrigido o

exagero, os chamados pardos, desde a Colônia, foram vencendo a discriminação e nessa expansão, além de autoridades de todos os graus, chegaram

mesmo a ter dois presidentes da República. Ao contrário dos Estados Unidos, o embranquecimento põe naturalmente o mulato na categoria de branco, embora em tempos antigos isso se chamasse “limpar o sangue”, um atestado de restrição.

Voltando ao tema inicial, insista-se em que o sistema de cotas é inaceitável por todos os motivos e que a solução para o baixo nível de vida das camadas mais desfavorecidas, onde a predominância negra é patente, tem de ser alcançada por medidas assistenciais permanentes de natureza econômica e educacional. As falsas variantes que andam surgindo nada trarão de positivo. ■

E-mail: newtar@attglobal.net